

A MEMÓRIA SOCIAL ATRAVÉS DO JORNAL FUNDINHO CULTURAL: CRÔNICAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA

Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira¹
Nildo Silva Viana²

RESUMO

A memória social se manifesta sob múltiplas formas, oferecendo ao pesquisador diversas possibilidades de recuperação da mesma. A partir da contribuição dos autores que desenvolveram reflexões teóricas sobre memória social, buscamos, no presente artigo, compreender as recordações do bairro Fundinho e da cidade de Uberlândia através do material publicado, especialmente as crônicas, no Jornal Fundinho Cultural. A partir da análise pudemos compreender a relação entre o processo de modernização e a constituição de “lugares de memória”, dentre os quais, alguns permanecem na paisagem urbana da cidade. A luta pela memória se manifesta sob diversas formas e a análise empreendida permitiu perceber algumas de suas principais formas de manifestação. Uma dessas formas é a existente entre o processo de modernização e a resistência revelando uma luta cultural tendo como palco o espaço urbano, o lugar de reprodução da vida cotidiana e suas recordações.

PALAVRAS-CHAVE

Memória Social, Modernização, Valores, Lugares de Memória.

¹ Professora do curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás.

² Professor da Universidade Federal de Goiás.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a manifestação da memória social do bairro Fundinho e, em menor grau, da cidade de Uberlândia, através do Jornal Fundinho Cultural. A cidade de Uberlândia, Minas Gerais, possui uma história de mais de um século. Ela foi fundada em 1888 e contando hoje com mais de 600 mil habitantes (segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2015) e uma das principais cidades do Estado de Minas Gerais. No seu interior há uma memória oficial, expressa na historiografia, em documentos públicos e em outras formas, e uma memória não-oficial, sendo uma parte oral e transmitida pela tradição e outra que se manifesta através de escritos não científicos e não estatais. Nesse último caso, temos o Jornal Fundinho Cultural, que ao lado da tematização da cultura, enfatiza as recordações dos moradores do bairro Fundinho. Esse jornal, fundado em 2002, traz um rico material para análise da memória social do Fundinho e de Uberlândia, motivo pelo qual o elegemos como tema do presente artigo com o objetivo de observar a luta pela memória e as recordações que insistem em permanecer em contraste com os esquecimentos presentes na memória oficial.

O nosso objetivo será analisar algumas crônicas e materiais desse jornal revisando reconstituir a luta pela memória que ele manifesta. As recordações expressas nas crônicas analisadas apontam para um processo de valorização do bairro do Fundinho e da cidade de Uberlândia, bem como as experiências pessoais nesse lugar de memória. Desta forma, é preciso compreender a memória social recuperada por este jornal e seus embates, manifestando valores, informações, concepções, que dão forma a uma versão da história da cidade e do bairro.

Memória, Mecanismos de Seleção e Lugares

A memória é um tema comum à psicologia, filosofia, historiografia, antropologia e sociologia, entre outras ciências e abordagens. No âmbito da psicologia, a ênfase é na memória individual (e nesse campo é acompanhada pela psicanálise e outras ciências voltadas para o estudo da mente e cérebro humanos). No âmbito da historiografia, sociologia e antropologia, a ênfase é na memória “coletiva” ou “social”, sendo que a definição terminológica depende do autor que aborda essa temática. A filosofia enfatiza mais a memória individual, embora não deixe de lado o âmbito social.

Não poderemos, e nem é nosso propósito, recuperar as diversas discussões e contribuições para a análise da memória social. O nosso objetivo aqui é apenas destacar algumas contribuições que nos ajudam a pensar a memória e seus aspectos que são importantes para analisarmos o Jornal Fundinho Cultural e as recordações que ele traz, ajudando a recompor uma parte da memória social da cidade de Uberlândia e do Bairro do Fundinho.

Para tal, torna-se necessário entender o conceito de memória social e suas características, especialmente o seu processo de evocação social das lembranças e os mecanismos de seleção. Consideramos que a memória é uma consciência virtual do passado que é ativada por nossa consciência a partir do processo de evocação de lembranças (VIANA, 2006). Desta forma, nossa concepção difere de algumas outras³, especialmente por considerar que existe, na mente humana, um conjunto de lembranças em estado virtual que somente voltam à tona quando nossa consciência presente as ativa. Esse processo de ativação da memória, que pode ser denominado “recordação” ou “evocação de lembranças” é o que

³ O conceito de memória e memória social possui diversas contribuições (HALBWACHS, 1990; STOETZEL, 1976; FILLOUX, 1966; VYGOTSKY, 1994; BOSI, 1995), algumas mais próximas da nossa definição, outros mais distantes.

ocorre quando as pessoas retomam acontecimentos do passado, sua história de vida, seus sentimentos em momentos determinados de sua vida, entre diversos outros casos, incluindo acontecimentos políticos e sociais mais amplos e ideias e leituras realizadas.

A evocação das lembranças é um processo marcado por um mecanismo de seleção. A memória é seletiva (HALBWACHS, 1990; STOETZEL, 1976; VIANA, 2006). O volume de recordações acumuladas na consciência virtual que é a memória é enorme e elas só são acessadas quando se tornam necessárias para a mente humana ou para a sociedade, no caso da memória individual e social, respectivamente. Por isso é fundamental entender quais são os mecanismos de seleção utilizados pela mente humana individual e que se reproduz na memória social da população e dos grupos sociais. Existem vários mecanismos de seleção e entre eles se destacam os valores, os sentimentos, as concepções, pressão social, necessidades e associação de ideias (VIANA, 2006). Os valores e os sentimentos estão entre os mais poderosos mecanismos de seleção de lembranças que serão evocadas, especialmente quando os indivíduos possuem maior liberdade em tal processo. Para os amantes do futebol, por exemplo, a recordação das vitórias do time preferido ocorre com muito mais frequência do que lembranças sobre acontecimentos políticos, em certos casos individuais. No caso da memória social, eles também são fundamentais nesse processo, embora existam determinações sociais na constituição dos valores e sentimentos e alguns que se tornam predominantes em determinadas épocas e lugares.

Existem casos em que as necessidades e as pressões sociais se tornam determinações na evocação de lembranças. No âmbito da memória individual, a lembrança de leituras é uma necessidade dos alunos em momentos de provas e testes, bem como em diversos outros momentos da vida, como no caso de interrogatórios policiais, os indivíduos são constrangidos a recordar acontecimentos. As datas comemorativas são processo de recordação que nem

sempre são espontâneos para parte da população, mas os feriados e conjunto de outras formas de evocação social de lembranças, é um exemplo no âmbito da memória social.

A associação de ideias ocorre muitas vezes, no caso individual, em diversas situações, tal como nas sessões de análise, nas quais determinados psicanalistas (pois nem todas as tendências da psicanálise trabalha dessa forma), busca evocar as lembranças da infância, dos sonhos, dos traumas, do passado. No plano social, os vínculos realizados pelos meios de comunicação e pelos grupos sociais a partir de seus interesses, promovem o mesmo processo. As concepções também atuam nesse âmbito, pois um indivíduo que é religioso tende a recordar eventos religiosos e grupos sociais tendem a reproduzir, gerando uma tradição. Da mesma forma, determinados indivíduos e grupos políticos tentam evocar lembranças que inspiram e fortalecem suas lutas, como, por exemplo, para as tendências revolucionárias que sempre encontram em Spartacus, o gladiador que desencadeou a rebelião escrava na Roma Antiga, sempre reaparece como fonte de inspiração, tal como se pode observar, por exemplo, na fundação da “Liga Spartacus”, por Rosa Luxemburgo, na Alemanha durante a emergência do movimento revolucionário dos conselhos operários. Os revolucionários de hoje se inspiram e recordam os revolucionários de ontem.

Essas reflexões ajudam a pensar a relação entre as recordações e os lugares. Os valores estão entre os principais mecanismos de seleção e por isso uma breve reflexão sobre sua relação com o espaço e os lugares é fundamental. Os espaços e os lugares são valorados pelos indivíduos e grupos e por isso entender a memória individual e social do passado que remete a lugares pressupõe uma reflexão sobre a relação entre valores e lugares. Halbwachs apresentou a relação entre memória, grupos sociais e lugares. Segundo ele, os grupos sociais produzem lembranças coletivas ele apresenta o exemplo da família, que ao festejar um aniversário, recorda o passado familiar (HALBWACHS, 1990). Ainda segundo ele, “a

população possui sua própria memória da cidade, com a sua seletividade própria. O espaço é o lugar onde vivem os grupos e ele é lembrado por ser significativo para este grupo e apenas em seus elementos assim considerados” (NETO et al., 2005).

A relação entre lugar e valores é fundamental, pois os valores são um dos principais mecanismos de seleção da evocação de lembranças. Como coloca Halbwachs, há um vínculo entre grupo social e lugar. O vínculo afeito e/ou valorativo com o lugar, o espaço, o meio ambiente, já foi definido como “topofilia”. “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 5) ou, de forma mais detalhada:

A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

A topofilia pode ser entendida de forma mais ampla, como o vínculo sentimental e valorativo em relação aos lugares em geral, tanto meio ambiente natural quanto urbano, gerados pelas relações sociais e processo histórico de vida dos indivíduos. A topofilia se relaciona com o sentimento de nostalgia que acomete os seres humanos em suas relações com o mundo em geral e que se manifesta, nesse caso, em relação aos lugares, através da vinculação entre espaço/lugar e relações sociais que acabam se tornando formas de expressão de relações sentimentais e de constituição de valores. O sentimento de nostalgia ocorre de forma espontânea nos indivíduos que recordam o passado, que geralmente aparece como um

momento feliz, mesmo que não tenha sido exatamente assim, pois permite retomar sentimentos e momentos agradáveis, incluindo a relação com pessoas e situações determinadas vistas positivamente⁴. No entanto, isso não tem o mesmo valor para todos os indivíduos. Os momentos felizes de uns podem ter sido, no mesmo lugar, momentos infelizes de outros e a época de vida entendida nostalgicamente por uns pode ser recusada por outros devido a isso, da mesma forma que lugares. Isso pode ser exemplificado, novamente, com a música: uma música que pode trazer recordações agradáveis para um indivíduo pode ter um efeito contrário em outros indivíduos, gerando lembranças desagradáveis. A época e a música são as mesmas, mas indivíduos e grupos sociais distintos vão recordar de sua situação nesse contexto e assim é possível despertar emoções agradáveis ou desagradáveis.

Tendo em vista estes elementos, podemos encaminhar a nossa análise da relação entre valores e sentimentos e lugar, mais especificamente Uberlândia, através do Jornal Fundinho Cultural. Nesse contexto, é possível questionar como tal jornal pode permitir esse tipo de análise. Pierre Nora contribui com a reflexão sobre tal questionamento ao colocar que a passagem da memória à história impôs a cada grupo a obrigação de redefinir a sua identidade para a revitalização de sua própria história. O dever da memória faz de cada um o historiador de si. O imperativo da história assim ultrapassou, aos poucos, o círculo dos historiadores profissionais e não são apenas os antigos marginalizados da história oficial que alimentam o desejo de recuperar o seu passado desaparecido. São todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, que, a exemplo das etnias e das minorias sociais, experimentam o desejo de partir para a pesquisa de sua própria constituição, de reencontrar suas origens.

⁴ A música é um dos fenômenos que despertam com mais frequência o sentimento de nostalgia por causa de seu impacto sentimental sobre os indivíduos (RUCK, 2015).

A grande valoração que vem sendo atribuída a toda referência ao passado incentivando a sua preservação e arquivamento levou à criação da memória histórica, a qual não é considerada memória porque se encontra alheia à experiência do vivido, e nem história, porque destituída do seu valor crítico em relação ao passado. Nora ressalta ainda que não são apenas aqueles que trabalham com história oficial que alimentam o desejo de recuperar o seu passado desaparecido, mas também todos os outros, intelectuais ou não. O autor afirma que os lugares de memória nascem da consciência de que não há memória espontânea, e quando se trata do ato de lembrar/esquecer – necessitamos criar arquivos. E esses arquivos, com significância material, funcional e simbólica, são variados, de registros escritos a datas comemorativas, passando por celebrações e símbolos, e também pelos museus, bibliotecas, obras de arte. Conforme Nora argumenta, torna-se necessário manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas.

Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. O sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho a dignidade virtual do memorável (NORA, 1993, p. 10).

Segundo Nora, a lembrança é uma memória que registra e acaba por delegar ao arquivo, museus e instituições afins, o cuidado de se lembrarem por ela. Essas considerações de Pierre Nora traduzem um pouco da situação da trajetória dos “lugares de memória” que compõem a paisagem urbana principalmente na área central de Uberlândia. Entretanto, entendemos que a memória não deve ser pensada como coisa do passado, mas consciência virtual acessada hoje, artimanha do presente, e que é resultado do ato de lembrar e esquecer o que passou, tendo em vista o que virá. Sabemos que o passado pode ser observado e narrado de diferentes maneiras, pois a interpretação de um determinado acontecimento pode ser

variada dependendo do modo como foi registrado no tempo próximo de seu acontecimento, bem como por quem interpreta (indivíduo ou grupo social). Desse modo, um acontecimento pode suscitar diversas recordações, dependendo de quem o relembra, o relê ou o reconta; a época em que isso ocorre, etc.

É importante destacar a necessidade que se tem, atualmente de “criar arquivos, com significância material, funcional e simbólica”. Os meios de comunicação se apresentam como um espaço de socialização das lembranças e preservação da memória, porque pode ser local de celebrações e comemorações, local em que decisões políticas são anunciadas, e ainda suporte para os registros da vida cotidiana além de servir como fonte para as experiências de cada um. Aqui é preciso distinguir entre meios de comunicação em geral e meios oligopolistas de comunicação, pois estes últimos acabam impondo uma determinada memória, trazendo as recordações e esquecimentos que interessam aos seus detentores. Deixando de lado os meios oligopolistas de comunicação, grandes empresas capitalistas e distantes da população, com suas necessidades, experiências e lembranças, é importante compreender que existem outros meios de comunicação. Esse é o caso dos meios tecnológicos de comunicação que são mais acessível e igualitários, como o telefone e mais contemporaneamente a internet (apesar de que isso não deve ser superestimado, pois ela também está vinculada com o poder e o dinheiro), e outros que não possuem essas características, mas não se tornaram ainda oligopólios e que funcionam sobre a forma amadora ou artesanal, ou até mesmo profissional, como pequena empresa. Esses meios de comunicação, já possuem, por sua proximidade com a população, e em muitos casos sendo produto dela, uma maior possibilidade de efetivar um real registro da sua memória, mesmo que selecionando aspectos.

No caso de pequenos jornais e emissoras de rádio locais, há essa relação de maior proximidade e eles, em muitos casos, possibilitam espaços para determinados indivíduos da

população se manifestarem (através de cartas, crônicas, entrevistas, programas, etc.). Quando isso ocorre, é possível entender que ele se constitui como um espaço de manifestação da memória social daqueles que não possuem os meios oligopolistas de comunicação, via um determinado indivíduo. Isso permite uma pesquisa sobre memória social usando tais veículos de comunicação como material informativo. A memória social manifesta nesses veículos por iniciativa de um indivíduo é uma manifestação concreta da mesma, que revela a personalidade do indivíduo e sua posição social, e por isso manifesta elementos de memória social, uma determinada versão sobre ela, da perspectiva individual. A análise da memória social, nesse caso, se torna possível, pois os indivíduos que socializam suas lembranças nesse de comunicação manifesta a memória individual que é ao mesmo tempo a manifestação de uma memória social, pois recorda o que é significativo para um indivíduo que foi socializado e introjetou os valores, sentimentos, concepções, da população. Nesse sentido, a seleção da memória individual é constituída socialmente e por isso é compartilhada coletivamente, sendo manifestação singular da memória social.

Fundinho Cultural: Lugar de Recordações

No nosso caso, optamos por analisar algumas crônicas publicadas no Jornal Fundinho Cultural, que foi lançado em fevereiro de 2002, por iniciativa do artista plástico Hêlvio Lima, atual morador do bairro Fundinho, localizado na área central de Uberlândia. Segundo seu depoimento⁵, seu objetivo ao fundar o jornal consistiu na divulgação da arte, da cultura e da história do bairro. Dentre os artigos nele publicados, destacam-se depoimentos de moradores do Fundinho, cuja intenção é voltada para revelar aos leitores momentos vividos no bairro em épocas passadas e no tempo presente. Outros artigos relacionados à ações culturais e de entretenimento permeiam as páginas do jornal e, além deles, publica-se ainda o

⁵ Entrevista realizada em 20/05/2011.

resultado de algumas pesquisas que têm o bairro como objeto de estudo, pois representam uma possibilidade de obtenção de benefícios voltados para a manutenção da sua configuração atual⁶.

Esse é um caso específico, pois o jornal já nasce com a intenção de recordar a história de um bairro. Aqui temos a busca de reprodução de determinadas recordações que constituem uma memória social. E como toda memória é seletiva (HALBWACHS, 1990; STOETZEL, 1976; VIANA, 2006), o objetivo do jornal é o registro de uma memória social seletiva, focalizando as recordações do bairro e da cidade. O próprio nome do jornal já aponta para isso: Fundinho (nome do bairro) cultural (o foco é a cultura, que possui ligação indissolúvel com a memória, sob as mais variadas formas). Assim, as crônicas apontam para a vida cotidiana e as recordações da vida familiar, os bons e maus momentos, as relações sociais no bairro e cidade, as outras formas de registro da memória social (produções artísticas, científicas, etc.). Essa seletividade realizada pelo jornal é atrativo para aqueles que possuem valores, sentimentos, etc. semelhantes. Nesse sentido, a seletividade do jornal coincide com a seletividade da maioria dos colaboradores. O jornal assume a função de compartilhar memórias individuais naquilo que elas possuem de convergente, ou seja, expressando a memória social que se torna reforçada através desse processo.

Por meio da análise do conteúdo do jornal é possível vislumbrar que uma imagem do bairro emerge das lembranças daqueles indivíduos que participaram e ainda participam do processo histórico da cidade, ressaltando as permanências ou mudanças no seu entorno. Notamos que, apesar das ações voltadas para a sua preservação⁷, a sua paisagem tem sofrido muitas alterações causadas pelas inúmeras reformas que descaracterizam as suas edificações

⁶ Esse é o caso de alguns artigos publicados: Vale (2003); Atuxx (2003).

⁷ Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Ofício Circular n. 029/86. O ofício citado acompanhou o Ante-Projeto de Lei que dizia respeito à questão da normatização sobre a construção de prédios no Bairro Fundinho e foi enviado às todas as instituições de Uberlândia em 15 de maio de 1986.

originais (sendo que algumas remontam às origens da cidade), devido a um forte processo de especulação imobiliária.

O jornal não só registra a história do passado via memória dos colaboradores do mesmo, mas também a percepção atual da situação. No entanto, esse processo de permanência e mudança do espaço urbano acompanha o processo de modernização. Uma das características da modernização é a urbanização e esta gera uma transformação do espaço rural que se torna urbano. Além desse processo, a modernização vai sempre renovando a cidade e o urbano, de acordo com as mudanças sociais e culturais da sociedade moderna. Essa transformação do espaço urbano significa uma mudança geral, na disposição da divisão social do espaço (e suas especializações), na arquitetura, no processo de crescimento urbano (vertical e/ou horizontal), na estruturação do trânsito e do uso dos meios de locomoção (carros, ônibus, etc.).

As determinações desse processo apontam para o predomínio do capital na estruturação urbana, com sua imposição a partir do aparato estatal, regularizador do espaço urbano, e do capital imobiliário, bem como de outros setores do capital, cada qual buscando vantagens competitivas, maior possibilidade de lucro, melhores condições de reprodução, etc.⁸. O Estado é pressionado tanto pela população em geral, quanto por diversos setores da sociedade, especialmente o capital, que tem maior força de pressão e poder de barganha, sendo o elemento determinante nas políticas estatais. O capital imobiliário é um dos setores mais influentes na elaboração da política urbana e das políticas estatais voltadas para o espaço urbano. As antigas edificações de uma cidade entram frequentemente em contradição com os interesses do capital imobiliário, cujo objetivo é a valorização do solo urbano e sua adequação aos seus investimentos. Por isso o processo de constantes mudanças urbanas visando a tal

⁸ Existe uma ampla bibliografia sociológica que aborda esses aspectos do processo urbanização e sua reprodução e relação com o capital, com ênfases distintas (CASTELLS, 1989; 1988; GOTTDIENER, 1997; HARVEY, 1980; LEFEBVRE, 1999; LEFEBVRE, 1991; LIPIETZ, 1988; LOJKINE, 1981; VIANA, 2002).

adequação, bem como a adequação a outros interesses do Estado e outros setores do capital. A paisagem, as edificações, os lugares que ficam vivos na memória da população através da topofilia, são, paulatinamente substituídos e caem no esquecimento ou ficam vivas apenas nas lembranças saudosas daqueles que criaram vínculos afetivos e/ou valorativos com o lugar.

Neste sentido, Rodrigues (2008) destaca que por trás dos bens arquitetônicos remanescentes de épocas passadas que ainda se encontram preservados, “estão os moradores antigos, pessoas que resistem até a sua morte para preservar o que lhes é de grande valor, o que não é compartilhado por seus herdeiros, atraídos pela recompensa financeira oferecida pelo setor imobiliário” (RODRIGUES, 2008, p. 14). No fundo, aqui temos uma questão importante a ser discutida que é a relação entre memória social e gerações. A dicotomia que Rodrigues coloca entre os “moradores antigos” e seus “herdeiros” remete ao problema não somente das vantagens financeiras oferecidas pelo capital imobiliário, mas também das gerações. A topofilia é distinta em gerações distintas. Os vínculos sentimentais e valorativos se alteram nas gerações, especialmente quando ocorrem mudanças sociais e culturais amplas, tal como ocorre no espaço urbano e no conjunto da sociedade capitalista⁹. Os pais viveram numa cidade que tinha determinados espaços, lugares, nas quais seus sentimentos e valores se vincularam e seus filhos já não tinham as mesmas experiências e, logo, não tinham os mesmos vínculos sentimentais e valorativos.

Além disso, a juventude é constituída na sociedade moderna sob o signo do “novo”, que pode ser tanto as inovações dentro da modernidade (os modismos, as mudanças culturais, etc.) quanto a de ruptura radical (transformação social e utopia) e isso traz uma predisposição para a recusa das tradições (VIANA, 2015). Nesse sentido, entram em confronto distintas

⁹ “Estas regras de outro da revolução industrial causaram o desmoronamento universal dos princípios, os costumes, as tradições, levando a cabo uma autêntica aculturação técnica” (MENDEL, p. 131). Outro elemento que deve ser considerado é o ritmo acelerado das mudanças sociais no capitalismo: “Na França, por exemplo, uma simples visita ao Museu de Artes e Tradições Populares, de Paris, demonstra que em três gerações o aspecto cultural do país mudou mais que no curso de um milhar de anos precedente” (MENDEL, p. 131).

conformidades geracionais, a do passado e a do presente. A conformidade geracional do presente está envolvida e absorvida pelo novo e pela novidade, pela “sociedade tecnológica” (MENDEL, 1972). Isso é perceptível hoje com o desenvolvimento da informática, internet e aparelhos celulares, que criam vínculos valorativos e sentimentais mais com a tecnologia e seus conteúdos, do que com pessoas e lugares. Isso foi precedido pela forma anterior de cultura mercantil (também chamada de “cultura de massas” ou “cultura pop”, em sua versão eufemística) e os vínculos já começavam a se alterar (especialmente nos países mais desenvolvidos tecnologicamente) e os ídolos do cinema, as revistas em quadrinhos, as estrelas da TV, entre outros exemplos possíveis, foram substituindo as relações mais diretas, como o encontro nas praças, parques, entre outros exemplos possíveis (e mais frequentes, especialmente nas cidades menores).

Desta forma, as diferentes gerações guardam distintos vínculos sentimentais e valorativos e por isso são as gerações anteriores que mais se importam e buscam manter as tradições, preservar a memória social. As gerações mais novas, ao contrário, devido a falta de vínculo e a sua formação para a novidade e a tecnologia, estão mais preocupadas com as mudanças e com o desenvolvimento tecnológico. Sem dúvida, em ambos os casos, trata-se da conformidade geracional hegemônica, que convive com outras, não-hegemônicas, sem falar nas idiossincrasias e, portanto, não é algo que atinge a todos os indivíduos e grupos de uma geração. No entanto, a compreensão desse processo remete a perceber as mutações culturais em cada geração e como isso se relaciona com a memória social.

Rodrigues chama a atenção para situações que têm ocorrido com frequência em relação aos bens destinados ao tombamento na cidade, como por exemplo, o caso do Cine Regente – localizado na área central da cidade e demolido clandestinamente –, em que a demolição, algumas vezes, ocorre na calada da noite como forma de fugir da “imposição” da

preservação. Não se importando com o significado histórico do imóvel do qual são proprietários, não se preocupam com a sua destinação, apenas em garantir que seu espólio seja revertido em forma de capital.

Outro aspecto a ser observado é que, os discursos dos arquitetos que pregam a conciliação da cidade moderna com a cidade histórica, e que o “conceito de patrimônio histórico amplia as possibilidades de maior integração do antigo com a dinâmica moderna da cidade”, interferem na configuração daquele espaço urbano por meio da “re-criação” de espaços e ambientes voltados para satisfazer os investimentos relativos ao comércio de luxo. Tal atividade comercial tem se ampliado pelas ruas do bairro e isso leva à intervenção nas fachadas antigas, descaracterizando-as por meio da adaptação de vitrines modernas e chamativas com o intuito de atrair as classes privilegiadas que por ali passam.

Aqui temos outra face da modernização: a mercantilização. Os prédios, as habitações, os imóveis em geral, deixam de ser avaliados por seu valor de uso ou por seu valor cultural e passam a ser avaliados por seu valor de troca. O retorno financeiro é o que predomina. A defesa da “cidade histórica” é realizada por muitos graças à topofilia, mas outros fazem tal defesa por causa de interesses financeiros (o que é tradicional pode se tornar lucrativo para o capital turístico). É por isso que o discurso técnico dos arquitetos visa integrar essa oposição. Contudo, é uma integração dentro da lógica da modernização, logo, da “cidade moderna”. O tradicional só deve sobreviver enquanto for funcional para o moderno. É por isso que a “re-criação” é uma apropriação do tradicional para a reprodução do moderno. Esse processo mostra outra face da modernização: a burocratização. O Estado, os arquitetos e seus discurso técnico, a recriação dos espaços, não são atos da população mas sim das burocracias e do capital.

Por outro lado, o acesso ao jornal também possibilita perceber permanências, algumas relacionadas à memória de seus moradores. Das lembranças desses moradores, como se vê no Jornal Fundinho Cultural, surge uma imagem do Bairro Fundinho que não condiz com a agitação da vida moderna, com o aumento da frota de carros e pedestres que se locomovem pelas suas ruas e acarretam sérios problemas. Diferentemente do bairro verticalizado e movimentado por sua proximidade ao centro comercial da cidade, suas “memórias” mostram um “lugar” em que hábitos antigos ainda permanecem, como por exemplo, as relações de vizinhança, as conversas na porta da rua, as rodas de amigos que ainda se reúnem para discutir os problemas advindos com o desenvolvimento urbano e suas interferências no seu cotidiano. É esse bairro que emerge da crônica de Héliúo Lima:

Bom andar por aqui batendo perna. Ruas do Fundinho, permeio a história enquanto a vanguarda nos devora. Um presente numa loja atraente e são tantas... Uma pintura, um desenho, uma gravura, uma escultura para o jardim. Nos restaurantes, diversos sabores perfumam hall de lembranças. No meio do quarteirão a Padaria Mecânica e na esquina o Oscar Mendes. Bem ali o Cine Theatro São Pedro. Entra e sai gente elegante, a orquestra desfia um repertório memorável. Fino trato, mulheres não repetem modelos na passarela da Rua da Boa Vista. Olhares se entrecruzam através dos tempos. Do jornal “O Progresso” de 1907 para o Fundinho Cultural algumas coisas se identificam, mas muita coisa mudou. Fulminante engenho do progresso a computação das imagens é violenta demais para o romântico olhar. Pessoas se foram. Vieram outras. Permaneceu o ideal, a energia do espaço e vai tudo muito bem...¹⁰

Citamos esse trecho de uma crônica de Héliúo Lima com o objetivo de trazer à tona as mudanças e permanências no centro de Uberlândia e se justifica porque ele se apresenta como uma das imagens que são construídas de forma a representarem os discursos que legitimam tanto os ideais românticos como também os projetos voltados para o progresso e desenvolvimento. Héliúo Lima tece uma trama mesclando um tempo que passou e suas

¹⁰ Com as palavras citadas, o artista plástico Héliúo Lima, abre a edição n. 02 do jornal Fundinho Cultural em maio de 2002. As várias edições do jornal foram utilizadas como fonte documental principalmente para a construção deste capítulo por permitir ao historiador observar aspectos e peculiaridades da realidade estudada.

palavras denotam uma certa nostalgia por não ser mais possível retornar a ele, “pois a vanguarda nos devora”. Vários elementos arquitetônicos que foram simbólicos no passado, surgem na sua narrativa, junto com eles, cheiros, sabores, funcionam como suportes de memória, pois despertam lembranças quase esquecidas de um passado distante. Entretanto, o progresso aparece como um engenho destruidor desse passado, mas a sua finalização, “e vai tudo muito bem”, leva a pensar que, mesmo sentindo saudades daquele passado de outrora, a modernidade também é bem vinda.

Desse trecho também podemos extrair elementos de recordação do passado e sua comparação com o presente, bem como a oposição entre romantismo e progressismo. O hall de lembranças que remete a lojas, restaurantes, padaria, etc., se mistura com a “computação das imagens”. Aqui se mostra as mudanças e permanências, o que permanece vivo do passado, a memória, o ideal, a “energia do espaço”, muitas coisas que se identificam (tal como se observa na comparação entre o jornal O Progresso e o jornal Fundinho Cultural). A mudança de gerações e moradores: “Pessoas se foram. Vieram outras”. A contradição também aparece “permeio a história enquanto a vanguarda nos devora” e na “Fulminante engenho do progresso a computação das imagens é violenta demais para o romântico olhar”. A contradição é revelada e o positivo é a manutenção, mesmo que não exatamente como era, mas a identificação e o ideal continuam preservados.

Várias crônicas destacam as mudanças e permanências das praças que compõem a paisagem do bairro, no entanto, é bom lembrar que esses espaços também são marcados por contrastes:

Bancos quebrados, brinquedos destruídos, pisos soltos, alambrados caídos, lixo espalhado e rastros de vandalismo por todos os lados. Esta é a situação da maioria das praças de Uberlândia. Os frequentadores destes espaços dedicados ao lazer, à descontração e ponto de encontro com amigos são unânimes ao apontar o estado de degradação das áreas públicas. Até mesmo

o cartão-postal da cidade, a praça Tubal Vilela, não escapa às críticas das pessoas que a visitam¹¹.

Em relação às principais praças de Uberlândia, podemos pensá-las como “lugares que despertam memórias”, porque, estão sempre presentes na lembrança das pessoas e nas histórias que elas nos contam, pois trazem recordações que reavivam sentimentos e valores. Na crônica de autoria de Bilá Salazar Drumond, o enfoque é para a Praça Cícero Macedo porque, segundo a cronista, ela é considerada o “berço da cidade” e objeto das “muitas recordações da infância” (DRUMOND, 2002).

A praça descrita por Drumond remete à dinâmica comum que movimenta a maioria de outras praças. Ela também passou por mudanças, inclusive na maneira como os usuários se apropriavam do seu espaço. Procurando compreender essa dinâmica, muitos pesquisadores têm se interessado em estudar o espaço da praça devido às várias vertentes de análise que apresenta, pois, como espaço de socialização, convívio, lazer e trabalho, ela foi, e continua sendo palco de acontecimentos comuns ao cotidiano de seus freqüentadores representando a realidade vivida por eles de um modo geral. Uma definição de praça pode ser vista em Nelson Saldanha, que a compreende

Como um espaço amplo, que se abre, na estrutura interna das cidades, como uma confluência de ruas, ou de qualquer sorte uma interrupção nos blocos edificados. Um espaço onde em geral se encontram árvores, bancos, eventualmente monumentos, em alguns casos pequenos lagos artificiais. [...] a praça integra organicamente o conjunto formado pela cidade, mas ao mesmo tempo “está” nele como um espaço – quase uma clareira – surgido pelo distanciamento entre determinadas porções construídas. A praça “nega” a continuidade das edificações, mas ao mesmo tempo ela é, em certo sentido, a essência da cidade (SALDANHA, 2005, p. 13).

Saldanha enxerga a praça como o espaço público, obra do viver social permeado pelas relações que se desdobram nesse viver, sendo as mesmas de ordem econômica, política ou de criação cultural. A consagração histórica do fenômeno urbano significa, no fundo, a

¹¹ PREFEITURA inicia reforma de praças. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 06, 13 ago. 2005.

consagração ou consolidação da vida pública. Para ele, a praça é mais que um espaço que se abre no meio da cidade, é a própria essência da cidade, visto que, em todos os lugares do mundo, em todas as culturas, as praças se prestam a finalidades mais genéricas da vida social: comunitária, política, econômica, religiosa ou militar. São, portanto, espaços também de caráter ritual, onde se organizam atividades comunitárias, lugares de comemorações, de abrigo de monumentos, construções e objetos em destaque.

Diferentemente das ruas, que são espaços primordialmente de trânsito, as praças, ao contrário, são espaços associados à ideia de momento de pausa na malha urbana, de descontinuidade do tecido. Um espaço de permanência e estar, ainda que provisório. Se comparado aos espaços privados, as praças são espaços de livre uso e atendem a distintos propósitos, em que as pessoas atuam de maneira distinta daquele. É, sobretudo, um ponto de convergência da cidade, que a utiliza para o lazer, para comercializar, para trocar ideias, para encontros românticos ou políticos, para o desenrolar da vida urbana ao ar livre. Assim, o que difere a praça de um simples espaço aberto é a possibilidade de sua apropriação social.

A praça como um lugar de relações sociais variadas permite o desenvolvimento da topofilia¹². A praça, em si, é recordada por recordar os momentos vividos no seu interior. A amizade, a infância, o amor, o despertar da consciência, a convivência com familiares, que ocorrem na praça acabam vinculando lugar e relações sociais caracterizadas por serem, simultaneamente, relações sentimentais e valoradas. Em 1967, uma letra de música explicitou essa relação entre lugar e sentimentos/valores, oriundos de relações sociais.

¹² Nas grandes cidades, a função de socialidade das praças é reduzida, pois além de outros espaços para convivência social (e, mais contemporaneamente, os espaços virtuais), nas regiões centrais, com seu trânsito movimentando e veloz, enorme frota de veículos, etc., as praças raramente são usadas para convivência social, são apenas pontos rápidos de passagens para pedestres ou “grandes rótulas” para os motoristas de automóveis.

A PRAÇA

Ronnie Von

Hoje eu acordei
Com saudades de você
Beijei aquela foto
Que você me ofertou
Sentei naquele banco
Da pracinha só porque
Foi lá que começou
O nosso amor...

Senti que os passarinhos
Todos me reconheceram
E eles entenderam
Toda minha solidão
Ficaram tão tristonhos
E até emudeceram
Ai então eu fiz esta canção...

A mesma praça, o mesmo banco
As mesmas flores, o mesmo jardim
Tudo é igual, mas estou triste
Porque não tenho você
Perto de mim...

Beijei aquela árvore
Tão linda onde eu
Com o meu canivete
Um coração eu desenhei
Escrevi no coração
Meu nome junto ao seu
Ser seu grande amor
Então jurei...

O guarda ainda é o mesmo
Que um dia me pegou
Roubando uma rosa amarela
Prá você
Ainda tem balanço
Tem gangorra meu amor
Crianças que não param
De correr...

A mesma praça, o mesmo banco
As mesmas flores, o mesmo jardim
Tudo é igual, mas estou triste
Porque não tenho você
Perto de mim...

Aquele bom velhinho
Pipoqueiro foi quem viu
Quando envergonhado
De namoro eu lhe falei
Ainda é o mesmo sorveteiro
Que assistiu
Ao primeiro beijo
Que eu lhe dei...

A gente vai crescendo
Vai crescendo
E o tempo passa
E nunca esquece a felicidade
Que encontrou
Sempre eu vou lembrar
Do nosso banco lá da praça
Foi lá que começou
O nosso amor...

A mesma praça, o mesmo banco
As mesmas flores, o mesmo jardim
Tudo é igual, mas estou triste
Porque não tenho você
Perto de mim...

O que a letra da música mostra é que a lembrança da praça é provocada pela relação amorosa e sentimental, gerando um vínculo entre o lugar e suas características e o amor, o que torna os seus detalhes parte componente da valoração e sentimentos. “Sempre vou lembrar” o amor, pois “a felicidade” nunca se esquece. A praça só pode ter esse significado por causa das relações sentimentais estabelecidas nesse lugar. O que hoje e para as atuais gerações atuais é algo cada vez mais distante e a distância, em duplo sentido, aumenta com o tamanho das cidades.

O espaço urbano em Uberlândia foi se constituindo entre praças ladeadas por pequenas e tortuosas ruas que entrecortavam o município. A cidade nasceu em torno da capela Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião que foi construída em meados do século XIX. Segundo Antônio Pereira (2002), os atrativos para a aglutinação humana no seu entorno se devia à água que chegava através de um rego puxado das cabeceiras do córrego São Pedro e era despejada na praça por uma bica d’água.

A “arraia miúda” (como se refere Pereira em relação à população mais empobrecida), os artesãos e os pequenos comércios eram abrigados por casebres rudimentares. Esse pequeno ajuntamento de casas em torno da igreja e um pequeno espaço à sua frente onde ergueram um cruzeiro ficou conhecido como “Largo da Matriz”. O largo, ao contrário da praça, era um espaço vazio. A praça, que veio depois, atualmente denominada Cícero Macedo, já era o espaço trabalhado para o lazer do povo.

Ali havia a Matriz Nossa Senhora do Carmo, com suas portas pesadas. O coro, o som agudo do sino convidando à celebração. O púlpito que parecia tão alto para o alcance dos olhos infantis. O altar, ostentando a imagem de Nossa Senhora, ladeada por dois anjos perfilados como soldados, tendo nas mãos castiçais, guardiães mudos do cenário que me fascinava (DRUMOND, 2002, p. 8).

O fragmento da crônica citado acima denota a importância do aspecto religioso na constituição das cidades. Contudo, sabemos que “as praças, nas cidades construídas em todos os quadrantes e em todos os âmbitos culturais, relacionam-se a finalidades mais genéricas, pois se ligam ao espaço comum – no sentido comunitário do termo – ao âmbito político, à finalidade econômica, à dimensão religiosa ou militar da vida social” (SALDANHA, 2005, p. 15). Seguindo esse caminho, constituiu-se o espaço da Praça Cícero Macedo conforme o significado social que a sociedade uberlandense lhe imprimiu ao longo dos anos. Esse espaço maior, “que revela e tende a confundir-se” com a cidade, com suas árvores e símbolos, modificou-se conforme o progresso foi chegando, alteraram-se hábitos que, hoje, apenas permanecem nas recordações:

No meio da Praça realizavam-se as barraquinhas, leilões, festividades religiosas, ao som da Banda. Na esquina, o Hotel Vieira cujos proprietários Sr. Misael e D. Constância, solícitos e atenciosos na transferência das orientações para meus pais, novos administradores da “Casa Amarela”. [...] Ao lado, a residência de Monsenhor Eduardo dos Santos. Calçada de degraus altos serviam de andaime para as travessuras de saltar sobre as pedras à despeito do olhar de censura do bondoso sacerdote. O largo, circundado por residências onde a arquitetura da época se fazia notar em detalhes. É o buteco do Chico? (ainda está ao lado da farmácia). Não havia tostões que

chegassem para comprar chupeta em forma de pássaros, revólveres, bolas e a famosa bananada em quadrinhos puxentos, cobertas de açúcar cristal. Em meio a esse pequeno grande mundo, a vida despreocupada e muito tempo para pular maré, correr pique, cantar em roda (DRUMOND, 2002, p. 8).

A cronista narra uma série de lembranças que nos remetem aos hábitos de sociabilidade praticados outrora, trazendo à tona a imagem da residência de determinadas famílias uberlandenses que moravam no Bairro Fundinho nos seus tempos de criança, e, por meio do cruzamento de sua história com a história oficial do município, percebe-se que a maioria dos proprietários era pertencente a uma minoria seleta da população. Além disso, aborda as traquinagens da infância de uma forma a nos levar a crer que, nem mesmo o “olhar disciplinador do bondoso sacerdote” as impedia de cometer diabruras. Assim como na crônica de Hélios Lima, aqui também se encontram presentes os suportes de memória, aroma, sabor e “felicidade”. A imagem criada por ela é a de uma cidade harmônica, sem conflitos, em que era possível viver com tranquilidade¹³.

Os hábitos se transformaram e as praças já não cumprem as mesmas funções. Porém, hoje, apesar de parcialmente descaracterizado ao longo dos anos, a Praça Cícero Macêdo ainda preserva algumas das características originais e testemunhos arquitetônicos e urbanísticos da história da cidade. Além disso, no seu entorno, encontram-se instalados vários edifícios ligados à cultura da cidade, como o Museu de Arte da Universidade Federal de Uberlândia – MUNA, a Biblioteca Municipal e alguns dos bares e restaurantes para onde se dirigem aqueles que buscam opções de lazer e sociabilidade.

A crônica de Bilá Drumond é resultado de suas lembranças dos tempos de menina e a memória funcionou como um suporte para que essas lembranças fossem compartilhadas pelos leitores do jornal. Outros elementos simbólicos surgem das crônicas do jornal, cujas

¹³ A imagem da tranquilidade, ao mesmo tempo que é realista, principalmente se comparada com o ritmo veloz das grandes metrópoles atuais, também traz um elemento de nostalgia que atinge as recordações, no qual o passado é sempre recordado como um momento feliz.

narrativas possibilitam estabelecer uma relação, mesmo que fugidia, com um passado que não mais existe, mas, por outro lado, nos conta a história dos edifícios que permaneceram e atuam fortemente nesse universo de símbolos que compõem a dinâmica da cidade. A Igreja do Rosário é um desses símbolos e, segundo Antônio Pereira:

A nova construção, que durou anos e anos, foi contratada com Ismael Norberto de Meireles por um conto e seiscentos mil réis pagos em três vezes. Arlindo Teixeira foi o procurador da obra. Dom Eduardo Silva, Bispo Diocesano de Uberaba, foi quem, em visita Pastora, procedeu à benção da capela. [...] Com o passar dos anos essa capela se tornou pequena para abrigar a população e [...] no dia 10 de maio de 1931, com solenes festejos, o terceiro Bispo Diocesano de Uberaba, dom Frei Luiz Maria de Sant'Ana, procedeu à bênção da capela e da imagem. Esta é a última capela que está lá na praça do Rosário, (oficialmente Ruy Barbosa), que é a mais antiga construção religiosa da cidade (PEREIRA, 2002).

Pereira coloca em evidência a importância da religiosidade para o processo de construção da cidade e vai ressaltando como se davam os trâmites da administração pública. É possível depreender que quem decidia sobre o destino dos edifícios de maior significado, mesmo que se relacionasse com a cultura negra, eram as classes privilegiadas. Além disso, destaca que dentre as igrejas construídas em Uberlândia, a Igreja do Rosário é a mais antiga e, conforme já citado, o seu tombamento ocorreu em Patrimônio Histórico Municipal pela Lei nº 4.263 de 9/12/1985.

A intenção dos moradores do bairro é mostrar que as novas finalidades atribuídas ao bairro não anulam a sua importância como local onde a cidade se originou. Procuram mostrar que é possível a convivência da verticalização com a preservação e, desse modo, as ruas encontram-se em constante processo de construção e restauração geral para novas leituras do lugar que abriga coleções de memórias. A modernidade, como já foi dito, exerce pouco a pouco a sua interferência e antigos casarões são transformados em pontos comerciais dando ao local um *status* de “*shopping* a céu aberto”. A modernização, com sua marcha inexorável comandada pelo capital, apaga as relações sociais, depois os lugares nas quais se efetivaram,

e, por fim, as próprias recordações. O Jornal Fundinho Cultural, por sua vez, bem como sob várias outras formas, efetiva uma luta pela memória, preservando recordações que seriam esquecidas com o passar do tempo.

Contudo, entendemos que ele representa uma memória “específica” – a dos moradores do Fundinho. É necessário destacar que a realidade vivida no bairro é diferente daquela vivida pelos moradores da periferia, por exemplo, e desse modo, aquilo que é significativo para uns, pode não ser para outros. Assim, um jogo de interesses permeia as relações sociais mesmo entre os moradores, pois, enquanto uns defendem a sua preservação, outros preferem usufruir dos lucros advindos por meio da especulação imobiliária. Ao lado disso, o processo de modernização e seus agentes (Estado, capital, setores das classes privilegiadas, parte da juventude absorvida pelo progressismo) avança e encontra a resistência dos saudosos dos tempos passados e outros setores da sociedade e, sob o aspecto formal, de setores que lucram com as tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornal Fundinho Cultural se revela um lugar de recordações. As recordações sobre certos lugares, especialmente o bairro Fundinho, e a cidade de Uberlândia, em geral, estão presentes nas crônicas do jornal, entre outras formas. A análise que realizamos mostrou diversos aspectos da memória social registrada nesse jornal. Nele aparece a memória individual dos moradores do bairro que expressa elementos da memória social.

A memória individual é sempre a memória de um ser social. Como ser social, não apenas tem sua consciência, valores e sentimentos constituídos socialmente, mas que precisam ser reafirmados pela sociedade. É por isso que necessita compartilhar seus gostos, recordações, etc. Assim, a socialização do saber, das recordações, dos gostos e dos valores é algo comum e necessário. O Jornal Fundinho Cultural mostra esse processo de socialização

das recordações, mostrando, simultaneamente, uma manifestação da memória individual e da memória social. A memória individual não manifesta a memória social através do conteúdo singular de cada lembrança, mas sim na seleção e na motivação de sua realização.

Uma crônica que narra um acontecimento singular numa praça ou numa casa de um bairro, ou de uma pessoa que já faleceu, não é uma manifestação da memória social na sua singularidade e sim em sua universalidade. Ela recorda não apenas lugares e pessoas, mas as recorda em sua singularidade, pois tais lugares e pessoas são nomeados, numa relação mais pessoal e humana, ao contrário do saber científico que se preocupa com coisas e “objetividade”.

Nas crônicas citadas é possível ver essa relação mais pessoal e humana. Quando a crônica coloca “Boteco do Chico”, “Hotel Vieira”, diz quem são os indivíduos que moram em tal lugar ou ajudaram em sua construção, etc., trata-se de relações personalizadas. A modernidade traz a impessoalidade, desde o discurso positivista até a evolução do comércio. Uma viagem de ônibus passando por diversas cidades mostra isso: nas cidades menores, lugar em que a modernidade ainda não se desenvolveu completamente, os pequenos estabelecimentos comerciais possuem nomes de indivíduos ou famílias e tão logo chegamos às cidades maiores, os nomes pessoais vão se transformando em nomes abstratos, estrangeiros, coletivos. O “Boteco do Chico” é uma raridade, mas não o “Bar da Avenida”, o “Bar do Peixe”, entre outros nomes possíveis. Os “Hotéis Vieira” são raros, mas os “Plazza”, “Íbis”, “Confort”, existem aos milhares.

Essa é uma característica da modernidade: individualismo convivendo com despersonalização. O indivíduo se torna um valor (mais do que a família e outros valores tradicionais) e ilusão individualista e do livre arbítrio individual se espalha, e, simultaneamente, a despersonalização da burocratização, cujo modelo principal é o que foi

chamado “instituições totais” (GOFFMAN, 1974), como prisões e hospícios, nas quais os indivíduos são identificados por números e não por nomes. Isso faz parte também do processo de abstratificação apontado por Erich Fromm (1976). O individualismo, no entanto, é mera ideologia ou idealização, raramente é uma realidade efetiva. A despersonalização, por sua vez, é cada vez mais uma realidade, inclusive assumindo formas distintas (e algumas discursivamente compatíveis com a ideologia individualista). A despersonalização é mais intensa nas classes desprivilegiadas e a ascensão do individualismo nas classes privilegiadas. A modernidade é palco de contradições e esta é apenas uma delas.

O que o Jornal Fundinho Cultural mostra é uma memória social que recusa a despersonalização, a sociedade tecnológica, a frieza das relações sociais, a erosão dos vínculos sentimentais e valorativos com os lugares. Isso também deixa entrever que a juventude, sempre tida como o ideal e o progressista, nem sempre tem razão diante das gerações anteriores, pois ela toma duas decisões a partir da conformidade geracional hegemônica na atualidade, mesmo quando se opõe ao existente e diz querer a transformação social. Obviamente que a memória social e recusa cultural de elementos da modernidade, sem uma compreensão totalizante e sem transformação radical, não é suficiente para impedir a continuidade da modernização. A solução para essa questão é um problema social e político mais amplo, que não é nosso objetivo aqui tratar. De qualquer forma, a contradição é perceptível e entender a dinâmica da memória social é fundamental para entender os processos sociais e os vínculos sentimentais e valorativos com a cidade, o bairro, os lugares pelos quais os indivíduos desenvolveram e desenvolvem sua história.

Em síntese, o Jornal Fundinho Cultural e a análise de suas crônicas nos possibilitou reconstituir aspectos da memória social via memória individual e nesse processo perceber as permanências e mudanças no Bairro Fundinho e na cidade de Uberlândia. As recordações dos

moradores do Bairro Fundinho trazem uma imagem do mesmo que não condiz com a vida moderna e sua agitação, com o crescimento vertiginoso do uso do automóvel e a situação desfavorável dos pedestres e outros problemas urbanos. As recordações dos moradores diferem do que ocorre cotidianamente em um bairro verticalizado e movimentado por sua proximidade ao centro comercial da cidade. Elas mostram a permanência de hábitos antigos neste lugar, tais como as relações de vizinhança, as conversas na porta da rua, as rodas de amigos. Nesses momentos de convivência social, a reunião permite discutir os problemas oriundos da modernização e do desenvolvimento urbano e suas interferências na vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

- ATUXX, Denise Elias. Percepção ambiental e revitalização urbana: o caso do bairro Fundinho. *Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 13, abr. 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 4ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- CASTELLS, M. *Cidade, Democracia e Socialismo*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- CASTELLS, M. *Movimientos Sociales Urbanos*. 10ª edição, México, Siglo XXI, 1988.
- DRUMOND, Bilá Salazar. Muitas lembranças permanecem vivas quando compartilhadas. *Fundinho Cultural*, Uberlândia, p. 08 mai. 2002.
- FILLOUX, Jean-Claude. *A Memória*. 2ª edição, São Paulo, Difel, 1966.
- FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GOTTDIENER, M. *A Produção Social do Espaço Urbano*. São Paulo: Edusp, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HARVEY, David. *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

- LIPIETZ, A. *O Capital e Seu Espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.
- LOJKINE, J. *O Estado Capitalista e a Questão Urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- MENDEL, Gérard. *La Crisis de Generaciones*. Barcelona: Ediciones Península, 1972.
- NORA, Pierre. Nora, Pierre. Os lugares de Memória: a problemática dos lugares. In: *Proj. História*, São Paulo, (10), dez. 1993.
- NETO, Leandro et al. Memória Social e História de Goiânia. *Plurais* (Anápolis), v. 2, p. 157-173, 2005.
- PEREIRA, Antônio. Muitas lembranças permanecem vivas quando são compartilhadas. *Jornal Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 08, mai. 2002.
- RODRIGUES, Geisane Martins. *Viver as transformações no Fundinho: anseios de preservação e reconstrução de memórias (1980-2006)*. Monografia. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- RUCK, Richard. *Marxismo y Psicoanálisis*. Madrid: Ferramienta, 2015.
- SALDANHA, Nelson. *O jardim e a praça*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- STOETZEL, Jean. *Psicologia Social*. 3ª edição, São Paulo, Nacional, 1976.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- VALE, Marília M. B. O Bairro Fundinho e a preservação do Patrimônio Cultural em Uberlândia. *Fundinho Cultural*. Uberlândia, p. 10, abr. 2003.
- VIANA, Nildo. *Juventude e Sociedade*. Ensaios Sobre a Condição Juvenil. São Paulo: Giostri, 2015.
- VIANA, Nildo. Memória e Sociedade. *Jornal Espaço Plural/Unioeste*, v. 14, 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/483/397> Acessado em: 31/12/2006.
- VIANA, Nildo. *Violência Urbana*. A Cidade como Espaço Gerador de Violência. Goiânia: Edições Germinal, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente*. 5ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1994.

SOCIAL MEMORY THROUGH THE NEWSPAPER FUNDINHO CULTURAL: UBERLAND CITY CHRONICLES

ABSTRACT

The social memory manifests itself in many ways, offering the researcher several recoverability thereof. From the contribution of the authors who developed theoretical reflections on social memory, seek, in this article, understand the memories of Fundinho district and the city of Uberlândia through published material, especially chronic, in the Fundinho Cultural Journal. From the analysis we understand the relationship between the process of modernization and the creation of "places of memory", among which, some remain in the urban landscape of the city. The struggle for memory manifests itself in various forms and the analysis has allowed to realize some of its main manifestations. One of those ways is that between the process of modernization and resistance revealing a cultural struggle having as stage the urban space, the place of reproduction of daily life and its memories.

KEYWORDS

Social Memory, Modernization, Values, Places of Memory.